

LILIAN MORAIS
em
INSURGÊNCIA



LILIAN MORAIS
em
INSURGÊNCIA



A INSURGÊNCIA

A fome e a seca no Nordeste não foram tragédias naturais – foram estratégias. Foram e ainda são sintomas de um projeto político que sempre teve donos: donos da terra, da água, do poder. Desde o período colonial, o Nordeste foi desenhado para sangrar. As mãos que aravam a terra nunca foram as que a possuíram. E assim, por gerações, condenaram um povo inteiro à miséria.

No século XX, criaram os chamados “polígonos da seca” e a “indústria da seca” – nomes elegantes para o roubo sistemático de recursos públicos. Não se investiu em reforma agrária, nem em infraestrutura hídrica. Criaram frentes de trabalho temporárias e mandaram os homens que migraram para o Sudeste, transformando-se em força de trabalho barata para sustentar o crescimento industrial.

E o que ficou no Nordeste? A terra rachada... e as mulheres.

Elas não migraram. Ficaram. Ficaram para segurar o mundo nos ombros. Com a ausência dos maridos, tornaram-se as guardiãs do que sobrou: dos filhos, da terra, das memórias e da esperança. Mesmo quando a feira era escassa, mesmo quando a comida quase não existia. Quando não havia farinha, comiam palma. Trançavam redes, vendiam cabaças, acendiam candeeiros. Enganavam o estômago das crianças com caldos ralos, enquanto rezavam para que a noite não levasse mais uma vida.

Quantas dessas mulheres enterraram seus filhos com as próprias mãos? A morte era lenta, silenciosa, mas elas resistiam.

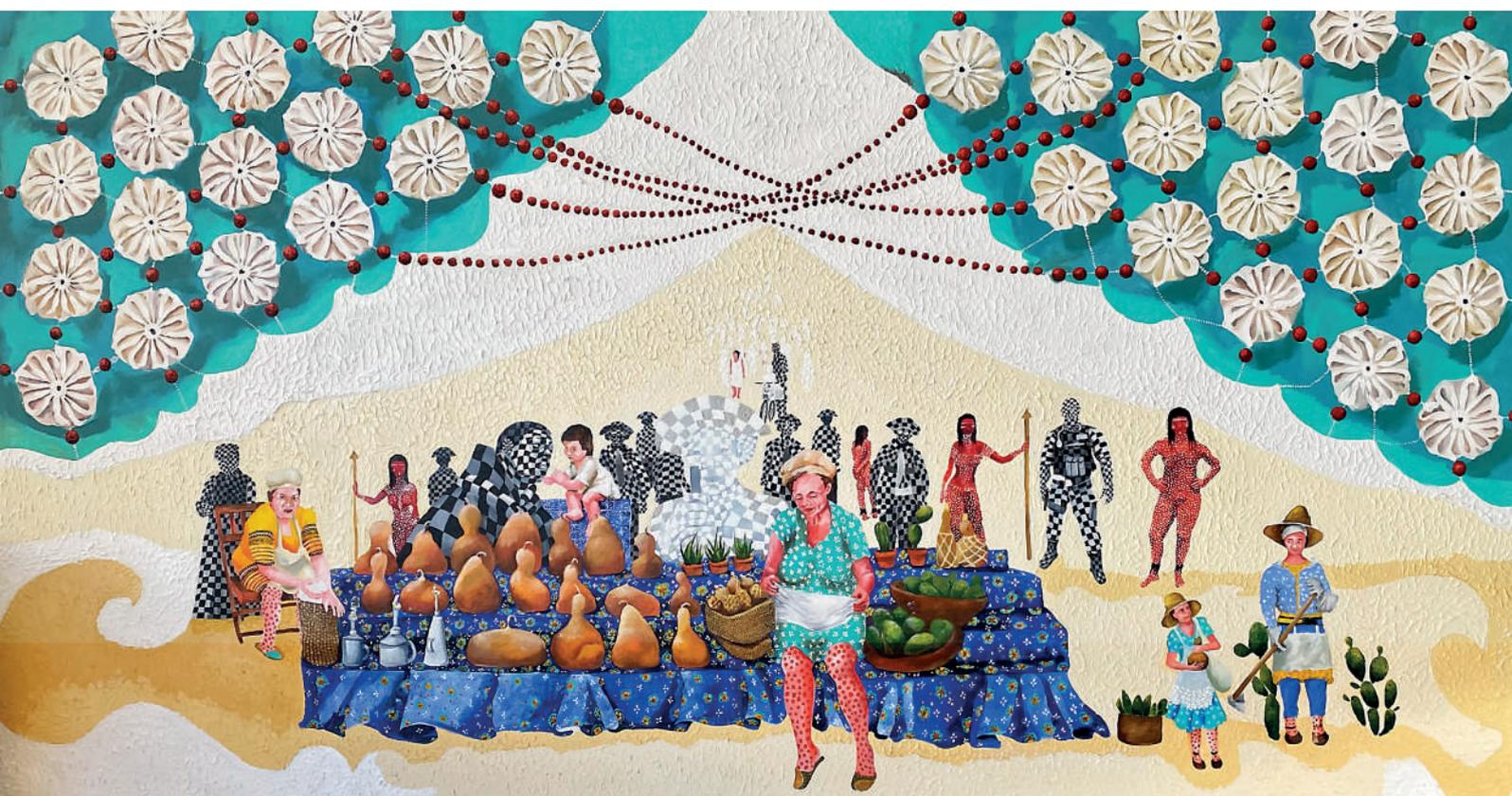
E é aqui que começa a insurgência.

A insurgência dessas mulheres foi não morrer. Foi não ceder. Foi insistir em existir onde tudo ao redor pedia silêncio e desaparecimento. Suas mãos calejadas, seus pés rachados, seus olhos secos de tanto chorar – tudo isso é marca de uma luta que nunca foi reconhecida como deveria.

A verdadeira insurgência nordestina tem o rosto dessas mulheres. Elas são a terra que não cede, a raiz que não morre, a memória que não se apaga. E é por elas que seguimos em frente. Porque há insurgência onde há vida teimando em brotar no chão rachado.

Lilian Moraes





Fuxico, 2025
230 × 120 cm
Acrílica sobre tela



Há momentos em que a arte não representa.

Ela confronta. Ela insiste. Ela se ergue.

Insurgência, como nos propõe Lilian Moraes, não é revolta ruidosa, mas fogo subterrâneo que ascende em silêncio e cor.

Esta exposição não se limita a apresentar obras: ela se recusa a calar afetos.

Cada traço, matéria e composição é um fragmento de um corpo que pulsa – corpo individual, corpo social, corpo-mulher, corpo-luta.

A insurgência que Lilian nos convoca é ao mesmo tempo íntima e coletiva: nasce de dentro, mas se espalha para fora, como se cada tela estivesse tentando respirar pelo mundo.

Numa época marcada pela normatização dos gestos, dos desejos e das imagens, sua arte desvia.

Desvia do esperado, do domesticado, do permitido.

E ao desviar, revela:

revela o que foi silenciado, o que foi esquecido, o que nunca teve nome.

A escolha do título Insurgência não é aleatória: é afirmação.

É o reconhecimento de que a arte pode – e deve – ser território de fratura e reinvenção.

Aqui, as cores não decoram; elas denunciam, acolhem, provocam.

Os vazios não são ausências; são respiros.

As formas não obedecem; elas insistem em ser o que são.

Lilian Moraes entrega sua insurgência com elegância firme, com delicadeza dura, com beleza que não fecha feridas, mas as mostra com dignidade.

É arte que se posiciona sem se explicar.

É arte que não se curva – e por isso toca.

Numa cidade como Salvador, onde os tambores da história ainda ressoam nos corpos das ruas, a exposição Insurgência não poderia encontrar lugar mais vivo.

É nesta Bahia de lutas e encantos, de dores e reinvenções, que a artista instala sua travessia.

E convida:

não apenas a ver, mas a sentir.

A escutar o que vibra dentro de cada imagem.

A insurgir-se, também – ainda que só por um instante.

Por **Humberto Silveira**



Sertão nordestino, 2025
40 × 40 cm
Acrílica sobre tela



A feira, 2025
40 × 40 cm
Acrílica sobre tela





Mulheres de pano e terra, 2025

220 × 120 cm

Acrílica sobre tela





Para além de beleza; ancestralidade, denúncia e resistência. A arte de Lilian Morais

*por Soleni Biscouto Fressato**

Montanhas e teias de aranha são triangulares. Folhas e pétalas são circulares e ovadas. Colmeias e moléculas são hexagonais e as estrelas, no céu ou no mar, são pentagonais. A natureza inspirou a humanidade a elaborar figuras geométricas, planas ou espaciais. De todas as figuras, a única que não tem correspondência direta na natureza é o quadrado. É provável que a ideia de uma figura geométrica quadrada tenha surgido há 4.000 anos, na Babilônia, com o objetivo inicial de delimitar e mapear espaços. Desde então, simbolicamente, o quadrado foi relacionado à ordem e à estrutura. Com seus lados perfeitamente simétricos e seus ângulos retos, transmite a ideia de segurança e imutabilidade, de estabilidade e solidez. Quando somado às cores branca e preta, como no tabuleiro do xadrez, é associado à dualidade e ao equilíbrio, representando conceitos opostos. Na maçonaria, o quadrado é associado à retidão, à moralidade e ao domínio do indivíduo sobre a matéria e sobre si mesmo. Intelectualmente, o quadrado é compatível com os pressupostos cartesianos e sua defesa do racionalismo, da dúvida metódica, como meio de alcançar a verdade, e da busca de um conhecimento seguro e fundamentado na lógica. Criatividade, sensibilidade e subjetividade estão excluídas dessa forma de saber.

Nas mãos da artista Lilian Morais, a solidez e o equilíbrio dos quadrados pretos e brancos foram invocados para representar o antropocentrismo e o patriarcado. As figuras quadriculadas, rígidas e austeras, simbolizam o projeto colonizador, que espoliou as riquezas naturais do Brasil e eliminou muitos povos ancestrais. E ainda se faz presente nas práticas neoliberais capitalistas, que maltratam a Mãe Terra e criam hierarquias entre as pessoas. O tom é de denúncia e de crítica. Denúncia à opressão e à dominação, que persiste em projetos políticos e ambientais. Crítica à racionalidade cartesiana, que domina a produção do conhecimento, excluindo saberes ancestrais alternativos, transformadores e legítimos.

Contudo, as figuras leves, coloridas e curvilíneas, que simbolizam a natureza exuberante e a população indígena nela integrada, surgem com intensidade, afirmando a potência e a resistência de um povo, o brasileiro (indígena, preto, pardo), que luta para a construção de um mundo melhor, mais solidário, onde reinem o acolhimento, a compaixão e o amor.

* Historiadora e socióloga com pensamento e escrita afetivo-intelectual. Suas reflexões mais recentes concentram-se na crise geral da racionalidade moderna e neoliberal e na necessidade urgente de criar alternativas transformadoras para viver e pensar. Página pessoal @solbfressato.





Vendedor de queijo, 2025

40 × 40 cm

Acrílica sobre tela



Guarajuba, 2025
40 x 40 cm
Acrílica sobre tela





Sertão dança, 2025
220 × 120 cm
Acrílica sobre tela





Criança indígena, 2025
40 × 40 cm
Acrílico sobre tela

REALIZAÇÃO:

ACERVO
GALERIA DE ARTE

DIREÇÃO GERAL:

Ricardo Portela
Denny Venegeroles

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Heric Dehon

REALIZAÇÃO



SECRETARIA
DE CULTURA

De 11/07 a 24/08 • Terça a domingo das 10h às 20h
MAC_BAHIA Rua da Graça, 284, Graça - Salvador • @mac_bahia

ACERVO

GALERIA DE ARTE

Alameda dos Umbuzeiros, 25, Loja 03, Caminho das Árvores
71 3042-0422 ☎ 71 99377-7171
www.acervogaleria.com.br • @acervogaleriadearte